



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SEculo

DE SANTA
RITA



AVENTURAS DO PINTO BONIFÁCIO

Por CARLOS NADIR — Desenhos de ADOLFO CASTAÑE

A galinha pedrês tinha treze filhos pintos de pouca idade e não maior esperteza. Mas um, chamado

Bonifácio negro como um céu de trovoadas, já comia as papas na cabeça, como é costume dizer-se, ao pai, galo avantajado e cospia sentenças de muita fama.



Ora, todos os domingos, o pinto Bonifácio, quando via entrar os bichos para a missa — que aí todos se juntavam, muito amigos, desde o lobo à cotovia — ao tanger dum grande sino: «Tling! Tlong! Talalim! Talalão!», que a coruja sacristão puxava com ar profético, ficava parado, a magicar, até que a mãe o empurrava, dizendo: — Anda para diante, meu palerma, que até pareces filho de pato!

Mas como ele, em casa, que é como quem diz na capoeira, se punha de bico no ar, muito quieto, ruminando uma idéia, logo o pai galo, com a crista, suja de sêneas, a abanar, sentenciou:

— O Bonifácio o que tem é a moleirinha a derreter. Foi pancada de sol que lhe bateu no toutiço e lhe pôs o entendimento em manteiga...

E resolveram dar-lhe uma purga para saírem os maus humores.

Quando se viu neste risco, o pinto chamou a mãe de parte e explicou-se:

— Senhora mãe galinha: Eu não tenho doença nenhuma; o que eu preciso é dumas calças brancas para ir, ao domingo, à missa, oferecer água benta às pintas!

A galinha abriu uns olhos como luas e benzeu-se três vezes:

— Então não querem lá ver, que tal me saíu este patife! Não sabes que o teu pai está desempregado e que já me pesa como chumbo sustentar-te e mais aos teus doze irmãos, uns mandriões que não fazem nada?

— Sei isso muito bem e, por entender que a crise é muito grande, peço-lhe que me deixe ir engraxar botas, que sou capaz de fazer fortuna.

A mãe, embora tivesse amizade ao Bonifácio, sempre pensou que era menos um bico a comer e a piar, e logo lhe concedeu a licença pedida.

No dia seguinte, quando o pinto engraxador foi de abalada, com a caixa às costas, o galo e a galinha vieram á porta, a choramingar, dizendo adeus, com

uns lenços todos rotos, enquanto os estúpidos dos irmãos se engalfinhavam por causa duma minhoca.

— Adeus, bando de patetas! Sempre quero ver a cara que fazem quando eu chegar de côche!

E seguiu por um carreiro branquinho, que corria entre flores viçosas e ervas muito ver-



des, vergadas por um vento leve. Era no princípio do verão, mas, como ainda fôsse manhã, não havia calor. Talvez por isso, ao longe, uma cigarra cantava com voz de fraqueza.

O pinto foi caminhando, até que viu aproximar-se uma grande avestruz com uma grande aventesma cômica de nariz, de andar balouçado e lento.

— Olha quem é! — piou ele. Viva lá, «só» Mariana!

Com efeito, era o urso sábio que ia de jornada. Ao ver o pintoficou cheio de pasmo. Arregalou os olhos piscos e perguntou-lhe, indignado:

— Que fazes tu por aqui, meu piolho de capelras?! Não sabes que se te apanha um desses bichos sem coração, que passam a vida a caçar os patetas desencaminhados, lhe passas logo para o bucho?



— Ora eu cá bem sei, «só» Mariana — respondeu o atrevido — mas a gente, com a ajuda do criador dos melros, pode mais que um leão, e eu, como precisava de umas calças e o meu pai está desempregado, fiz-me engraxador. Quere que lhe engraxe os sapatos? Está precisando!

— Saíste-me um tratante bem finório — disse o urso — e, se não te engolem primeiro, ainda vais a rei...

Enquanto falava, o Mariana sentou-se numa pedra e, estendendo um sapato de meia-lé-gua, juntou:

— Vá lá isso, que esta tarde tenho baile.

Mas o Bonifácio, muito espevitado, preveniu logo:

— Olhe que para si é mais caro! Tem uns pés que parecem a torre da igreja...

O urso estava bem disposto e aceitou o negócio.

Quando acabou de engraxar, o pinto recebeu o dinheiro, despediu-se e seguiu o seu caminho.

A certa altura, como precisasse de enganar a fraqueza que já lhe ia apertando o bucho e não topasse com mais freguezes, resolveu parar num sítio ensombrado por grandes árvores, onde corria um ribeirão cantante.

Comeu aqui um bicho de conta, acolá esgravatou uma minhoca, e, depois de muito petiscar, bebeu água e delatou-se de papo para o ar.

— Fez-me falta uma «molette», rosnou ele.

Estava nesta filosofia, quando sentiu uns passos, muito ligeiros, que se aproximavam. Levantou-se, com um salto, e aguçou os olhos: lá adiante, a surgir por entre umas moitas, de focinho em bico a farejar, apareceu uma raposa!

Ora aquela, por desgraça, era a mais desavergonhada e atrevida que habitava naqueles campos. Trazia sobre a cabeça ameaças de morte de não sei quantos caçadores

(Continua na
página 4)





N A T A L

Por JACQUES VIRBORY

Desenho de JOSÉ R. CERCAS J.^{or}

Aproxima-se o Natal...
As neves caindo vão,
e uma aragem glacial
açoita a vegetação.

Para o recanto do lar,
a tiritar
os velhinhos
vão receber os carinhos
da fogueira sua amiga,
companheira muito antiga
e a mais segura defesa
contra o rigor da frieza.
A's capelinhas distantes,
não podem ir, como dantes,
ver, num presépio, Jesus,
sol divino, eterna luz.

O' rigoroso Natal,
duma frieza invernial,
que faz morrer passarinhos,
não venhas, pois, dar tormentos
aos friorentos
velhinhos!

Sob as trevas, nos caminhos,
os pòbrezinhos,
— coitados —
apoiados

num bordão,
em vão
procuram pousada.
E, lentamente, a geada,
que alvíssima cai do céu,
vai-lhes cobrindo o chapéu.

O' Natal, rude, gelado,
não venhas cobrir de neve,
mesmo ao de leve,
os caminhos
por onde, sem ter calçado,
vagueiam os pòbrezinhos!

Há crianças semi-nuas,
que a vida passam nas ruas,
dormindo nelas também!
Sem carinhos de ninguém,
são pétalas duma flôr,
emurhecidas, sem côr,
andando á mercê dos ventos
da miséria, assás violentos.

O' noite bem singular,
que vens as plantas gelar
até ás fundas raizes,
não passes deixando amarga
lembrança, que não se apaga,
na mente dos infelizes.



com os respectivos cães, e, ainda por cima, naquele dia estava quâsi em jejum natural.

O pinto engraxador catu em lamúria:

— Valha-me o protector da criação desamparada! Para que saí eu da minha rica capoeira! Agora, que nem as penas me ficam, para que me servem as calças!

Mas como entendesse que naquele apêrto só lhe valeria a esperteza, esperou e deu-se um ar muito agoniado. A raposa, quando o viu, disse logo:

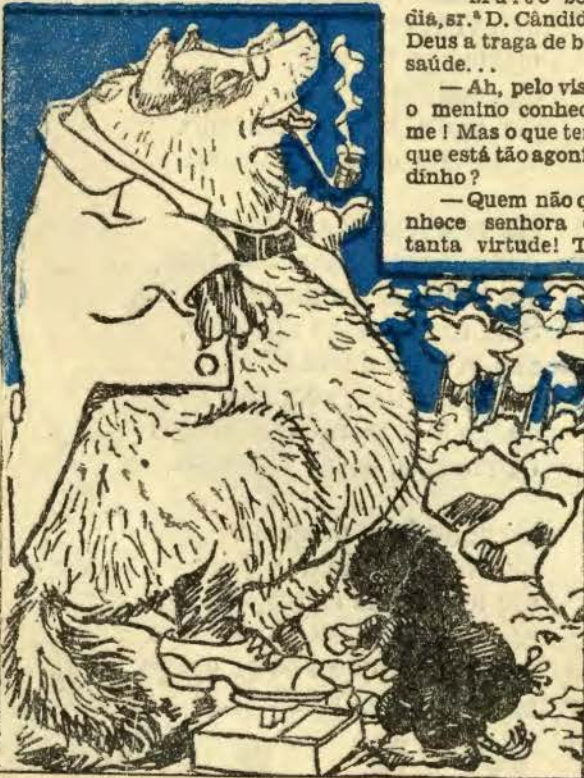
— Cá está o meu pequeno almoço! Sim, senhora, é gordinho e parece ser de boas famílias!

Foi-se chegando, com modos ingénuos, até que o Bonifácio lhe disparou, em tom de choradeira:

— Muito bom dia, sr.ª D. Cândida! Deus a traga de boa saúde...

— Ah, pelo visto o menino conhece-me! Mas o que tem que está tão agoniadinho?

— Quem não conhece senhora de tanta virtude! To-



mara eu ter saúde para lhe render melhores homenagens, mas, com o sentido numas malditas calças, fiz-me engraxador e, ontem, num apêrto de sede, puz ao bico a garrafa da graixa — estava cego com a secura! — e bebi-a toda! Agora estou aqui tão envenenado que nem sirvo para me comerem, e sabe-se lá se escapo desta...

A raposa ouviu aquele rozário de intrujões, muito desconfiada.

— E isso é coisa que dure muito tempo? — perguntou.

— Consultei os melhores médicos, e o dr. Texugo é de opinião que, senão falecer até lá, tenho moléstia para oito dias... Diz que o que me fazia muito bem eram umas orelhinhas de raposa. Fôsse eu ter com o senhor Mariana, que êle talvez mas arranjasse...

A comilona, como já tinha encontrado o urso, que a não podia suportar, ao ouvir aquilo toda se arrepiou e, por prudência, tratou de se pôr ao largo. Resmungou umas despedidas mal alinhavadas e meteu-se pelo mato.

O Bonifácio, vendo-se livre daquele perigo, nem estava em si. Atirou a caixa para o lombo e abalou de corrida. Atravessou montes e valados, até que adregou de passar pela toca do texugo e, como ouvisse conversa, ficou á escuta.

— Não, senhora — dizia o texugo roufenho — a mim não veio pinto nenhum. Isso não é doutro senão do Bonifácio da pedrês, um marau como poucos!

— Ai o grande pirata que me intrujou! — ganiu outra voz, que o espertalhão conheceu por ser a da raposa.

— Ah! Ah! Ah! Quem havia de dizer! — ria o texugo, com toda a força.

— Deixa, que êle mas há-de pagar bem caro! Não lhe fica uma pena para testemunha!

O Bonifácio não teve mais tempo que o preciso para dar um pulo e esconder-se atrás duns pedregulhos. A raposa saía como uma seta e sumia-se ao longe. Mas, como também gostava de se vingar, resolveu fazer uma partida ao texugo, que o tinha denunciado.

Dirigiu-se a uns pinheiros que havia perto e, como pensasse que a D. Cândida não voltava ali tão cedo, apanhou, com todo o vagar, a resina que pôde, encheu a caixa do offico e foi bater-lhe á porta:

— Quem está lá?

— Sou eu, sr. doutor, um pòbrezinho ás suas ordens...

O bicho paçudo veio á soleira e ficou varado:

— Olha que atrevimento! Que vens tu aqui fazer, meu intrujão?

— Nunca ouvi que fôsse maldade cada um defender

a vida, e, depois, como agora sou «ó graixa!» e sei que logo há baile, venho para o engraxar. Mas olhe, sr. doutor, que so recebo adiantado!

O texugo, que era valdoso e nunca tinha limpo as botas, caiu na marosca. Pagou, deixou o patife trabalhar como lhe apeteceu e, como tinha a barriga muito grande e não pudesse ver os pés, êle esfregou-lhe as botas com a resina toda que trazia.

—Passe v. senhoria muito bem e muito obrigado! — disse o pinto, quando acabou. E safou-se a toda a pressa.

Dali a pouco, quando o médico da bicharada quis andar, achou que tinha as patas pegadas. Desatou, então, numa tal gritaria, que não houve môcho, naquela légua mais próxima, que não acordasse em sobresalto.

No entanto, o Bonifácio seguiu caminho, até que, passando por uma casa arruinada e há muito sem ninguém, ouviu chamar:

—Oh rico amigo da minha alma! Que andas tú a fazer por aqui?

Olhou e viu, no alto dum muro carcomido e coberto de musgo, um corvo muito alvoroçado, de asas abertas.

—Cá está o Vicente, o maior amigo da minha família! Viva essa bizzarria! — gritou o pinto.

—Então que viagem é essa? Vais de saúde? — perguntou o Vicente.

—Ora, deixa-me cá! Ando pior que se tivesse o corpinho chelo de feridas: a raposa está-me na peugada e, qualquer dia, chama-me um rigo!

—Isso é mau — concordou o corvo — mas espera que eu passo-te cá para cima e conversamos mais á vontade.

Dizendo isto, voou para o chão, o pinto saltou-lhe para o dorso e êle tornou para o alto do muro. Os dois amigos falaram, então, as estopinhas, e teriam falado pelos cotovelos, se os tivessem. Estavam nisto quando viram, ao longe, aparecer a raposa.

—Ai que lá vem a maldita Cândida! — gemeu o pinto, todo arrepiado.

—Deixa, que aqui não chega ela — disse-lhe o corvo.

—A ladra, que já tinha bispado o Bonifacio, pôs-se de lá, em alta grita:

—Andá cá depressa, meu amiguinho, salta cá para baixo, que a tua mãzinha está muito doente e quere-te falar!

Ora aquele finório tinha um fraco muito bonito: era amigo da mãe até mais não poder. Ouvindo aquela fala, todo êle tremeu:

—Será verdade, ó Vicente?

—Não calas nessa, meu grande palermá! — disse-lhe o outro. Ela o que quere é papar-te!

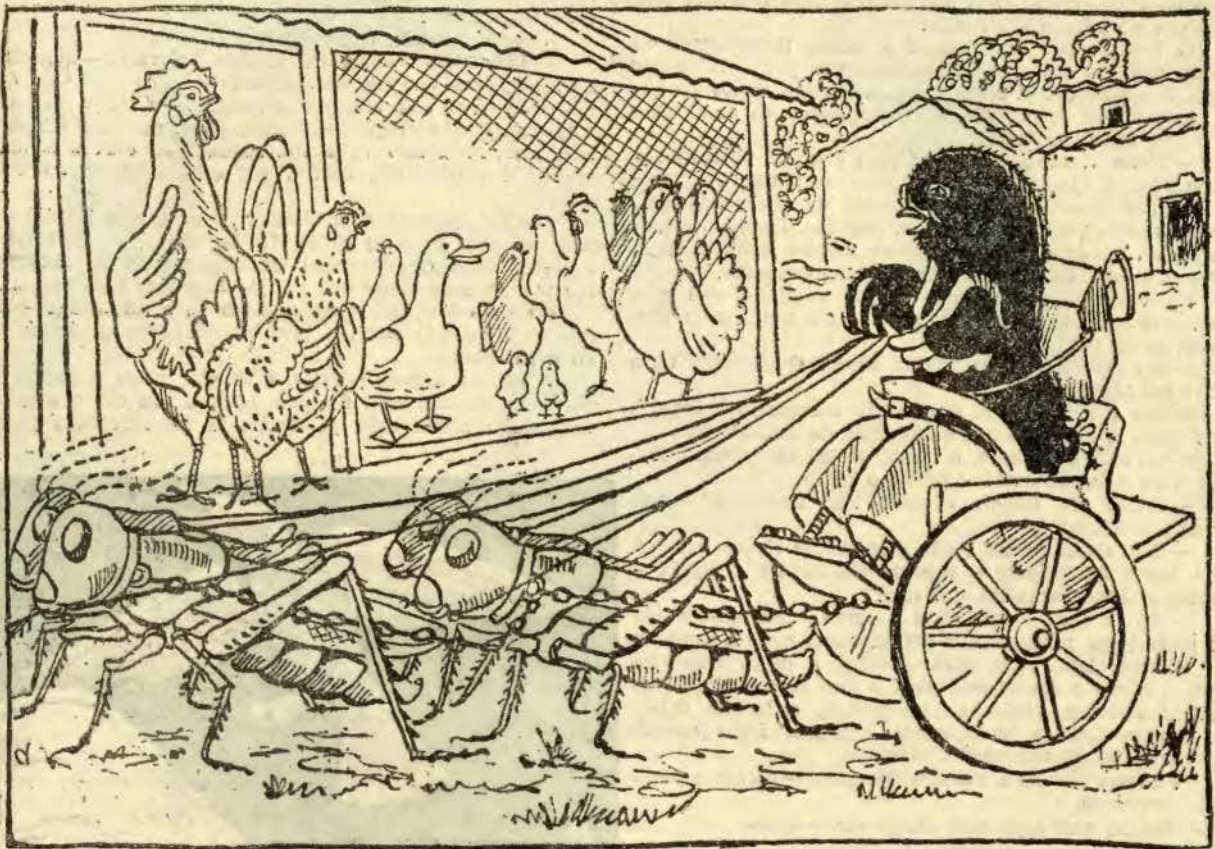
—Já vejo que não me acreditas! — dizia a raposa, a chorar. Pela salvação da minha alma, os olhos me saltam fora, se a não vi, a tua santa mãe, com o bico a revirar e a dizer-me, com a voz entaramelada, coitadíssima:

«—Vai comadre, vai buscar o meu rico Bonifácio, para eu me despedir dêle! Vê lá, agora, se não tens coração, filho desnaturado! Os teus manos lá ficaram, tão fartinhos de choro que até já formaram uma lagôa!...

Ouvindo isto, não teve mão em si, o pinto engraxador, e, dominado por tão grandes sentimentos, atirou-se do muro abaixo.

A raposa armou o salto, e ia cair sobre o pateta e enguli-lo, quando soou um tiro. Ladrrou um cão e a malvada, feita numa bola, já morta, lá foi arrastada pelos





dentes dum belo rafeiro, que a levou ao dono, um caçador que passava.

O pintalho, mal feito de tamanho susto, levantou-se conforme pôde, muito atarantado. Pôs a caixa às costas, certamente pela força do hábito, e caminhou lentamente, sem saber para onde. O corvo Vicente, como medida de cautela, tinha batido as asas para parte incerta.

Estava entardecendo. Vinha a hora fresca em que a bicharada começava a divertir-se e, a princípio muito tenue, trazido pela brisa que agitava a folhagem, depois cada vez mais nítido, foi chegando aos ouvidos do aventureiro um lindo som de música. Perto rumorejava uma floresta, e em breve ouviu grande falatório, gritos, guinchos e risadas que partiam de lá.

Apressou o passo, adiantou-se pelo arvoredo e, chegando a uma clareira viu reunidos todos os animais que havia por aqueles matos. Com os seus vestidos mais finos e ber-rantes, eram tantos e faziam tanta algazarra que nenhum se entendia. Era o baile que se dava em honra da princesa; uma lobinha de dois anos.

Como todos sabiam já pelo corvo, que o pinto tinha escapado à raposa, quando o viram deitaram a correr para o irem buscar. Fizeram uma roda, meteram-no no meio, e, enquanto os bichos músicos tocavam uma sinfonia, amou-se uma dança infernal. O urso Mariana, que já tinha o sumo das uvas na cabeça, queria por força bailar com um pardal. E, como este, havia muitos desastinados!

Mas, de repente, o Mariana gritou:

— Eh Bonifácio! Engraixa-me outra vez os sapatos, que este endemoninhado pardal tanta pisadela lhes deu que já não têm lustro!

Foi um barulho horrórico! Todos quiseram engraxar-se! O pinto não podia atender todos aqueles maitecos. Já suava, o felizardo, mas o dinheiro ia chovendo para dentro da caixa.

Ao terminar o trabalho estava rico e, então, cheio de contentamento, toda a noite comeu, bebeu e bailou.

No dia seguinte, comprou as tão apetecidas calças brancas e, como prova da sua importância, comprou também uma carriola puxada por quatro gafanhotos, gordos e luzidios como ratos, e, de chicote em punho, de papo empinado, piscando os olhos com elegância, as calças abanando ao vento, apareceu à porta de casa, refulgindo como um rei. Ninguém imagina o pasmo da família e da vizinhança!...

— Intrujei a raposa, levei-a à morte e enriqueci — explicou o Bonifácio, do alto da traquitana. Agora sou príncipe!

De facto, foi. Só perdia a linha quando arrotava ao jantar 'do baile, jantar tamanho que ainda hoje lhe está na moela.

F I M



HORA DE RECREIO

O DESPONTAR DA AURORA
EM PLENO OCEANO

COLABORAÇÃO INFANTIL

Solução das adivinhas anteriores

- 1 — Rio Minho
- 2 — Rio Cávado

- 1 — Serra Amarela
- 2 — Chaves
- 3 — Rio Ave
- 4 — Serra da Estrêla
- 5 — Serra dos Candieiros

- 1 — Dado
- 2 — Cara
- 3 — Gataria
- 4 — Fado

Solução do enigma infantil do ultimo número

Por ser o «Pim-Pam-Pum» o suplemento infantil que mais gosto de ler, quero ter a honra de nele colaborar.

Maria Emilia Cordeiro Venâncio

Amadora — 14 anos de idade



Desenho do menino Raul de Carvalho (de Al-
vito) 14 anos de idade

PARA OS MENINOS COLORIREM



I N S C R I Ç Ã O



Em tempos que já lá vão,
o bebé Zé Pirilampo
fazia a sua excursão
de quando em vez pelo campo.

Ora o bebé desta história
em verso de pé quebrado,
tinha uma bela memória,
embora pouco atilado.

E um dia, num certo tronco,
o nosso herói, todo ufano,
a-pesar-de um tanto bronco,
gravou a data dêsse ano.



Anos após, velho tonto,
ao relembrar esse dia,
foi até ao mesmo ponto,
onde o tal tronco existia.

Assim que chega, procura
a tal data inscrita lá;
e exclama: — Foi nesta altura,
que bem me lembro; e não está!

«Meninos, digam-me cá,
se é que mais espertos são,
porque ele buscava em vão,
a data gravada lá?»